

BC mantém previsão de crescimento do crédito bancário pessoal em 2023 apesar da inadimplência

<https://oportunidades.go.gov.br/category/relatorios/>

Apesar da taxa de juros em 13,75% e do grande número de devedores no Brasil, a procura das pessoas por crédito, especialmente junto aos bancos, mantém a tendência de crescimento: Banco Central (BC) prevê que o volume de crédito bancário crescerá 7,7% em 2023. Embora ainda tímido, o crescimento pode revelar certo otimismo por parte das famílias, voltando a financiar bens.

Ainda segundo o BC, porém, a projeção revela uma redução pela metade em relação a 2022, quando o aumento da procura por crédito bancário para pessoa física foi de 14% no acumulado do ano, alcançando R\$ 5,3 trilhões. Outro dado interessante é que a inadimplência, ainda alta, teve sua primeira queda em 2023 em junho. Segundo o Mapa da Inadimplência e Renegociação de Dívidas da Serasa, foram registrados 71,45 milhões de brasileiros negativados, uma redução de 0,63%, ou 450 mil pessoas em relação ao mês anterior.

A maior parte dos negativados é de pessoas entre 41 e 60 anos: 34,8% do total. O volume total de dívidas também caiu 0,62%, de R\$ 264,5 milhões para R\$ 262,8 milhões. O valor médio da dívida por pessoa é de R\$ 4.846,15. Um fator que pode ter ajudado e ainda surtir mais efeito sobre a inadimplência é o programa Desenrola, do Governo Federal. Segundo o Serasa, 900 mil dívidas já foram renegociadas até 21 de julho.

Segundo o economista Bruno Fleury, o mercado de crédito é afetado por diversos fatores da economia de acordo com o desempenho da economia. "A oferta de crédito cresce em situações ideais, do ponto de vista econômico. As instituições financeiras avaliam a tendência do mercado para saber se pode oferecer mais ou menos crédito", resume. Segundo Fleury, apesar da taxa básica de juros alta, os bancos podem avaliar os demais fatores e oferecer condições melhores aos clientes.

"Operações mais seguras, como o financiamento habitacional e de veículos ou o empréstimo consignado, oferecem taxas de juros mais baixas. Operações que exigem avalista ou que não têm garantia, como cartão de crédito e cheque especial, terão taxas mais elevadas, porque os riscos são maiores", explica. "Então essa oferta evolui na medida que a economia dá sinais de que está expandindo e os riscos diminuindo", completa.

Apesar dos números ainda baixos e da alta inadimplência, Fleury avalia como natural esta lenta retomada como um ciclo de recuperação da pandemia: "Estamos saindo de uma situação de pandemia em que a economia foi paralisada e as pessoas nem poderiam tomar dinheiro emprestado porque não sabiam quando a economia ia voltar a funcionar para que pudessem trabalhar e gerar renda suficiente para quitar esse crédito. Conforme as pessoas estão voltando a mercado, elas voltam a tomar empréstimos, e o consumo começou a normalizar".

Na avaliação de Bruno, o cenário dá indícios do início da queda dos juros em agosto conforme a inflação, ainda alta, vem caindo lentamente. Ambos os fatores, conforme avançam, devem incentivar mais as pessoas a investir e a aproveitar a maior oferta de crédito por parte das instituições financeiras. "A inadimplência tende a ir caindo, principalmente com esses programas que foram divulgados pelo governo e ainda em outras iniciativas dos próprios bancos para as pessoas voltarem ao consumo", finaliza.